

UMA ANÁLISE DA ESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA.

Chirley Domingues¹

1 Pra começo de conversa

A tese de que o Brasil é um país de poucos leitores é vivenciada no dia a dia nas instituições educacionais, não só pelos professores do ensino fundamental e médio, mas por todos aqueles que estão envolvidos com o ensino e a formação dos cidadãos. Não são raros os relatos de alunos, até mesmo do ensino superior, sobre a falta de interesse deles pela leitura e a afirmação de que preferem receber toda e qualquer (in)formação através de outros recursos, como a mídia eletrônica, por exemplo. Mais comum, ainda, é encontrarmos, inclusive no ambiente universitário, acadêmicos que não conseguem nem mesmo lembrar o título do último livro que leu.

Acontece, porém, que é nas escolas, principalmente do ensino fundamental e médio, que o assunto é mais discutido, o que é fácil de ser compreendido se levarmos em consideração que é nesse espaço que se aprende a ler. A escola é a responsável pelo ensino da leitura, mas esse ensino não pode limitar-se apenas à decifração dos sinais gráficos. A leitura na escola deve ter como objetivo principal levar o aluno a dar sentido aos textos lidos, pois somente a decifração mecânica dos sinais não é suficiente para garantir a competência leitora dos indivíduos. Assim sendo, cabe a essa instituição transformar o aluno em leitor e a leitura passa a ser instrumento essencial para o aprendizado.

A atualidade, porém, nos mostra que há uma longa distância entre o trabalho a ser desenvolvido na escola e a realidade brasileira. É comum ouvirmos dos professores que trabalhar a leitura em sala de aula é uma tarefa árdua e sem sentido, pois não há por parte dos alunos qualquer interesse por essa atividade, sobretudo quanto estão em cena os textos literários. A fala dos professores, porém, para muitos já vem soando como uma cantilena, pois o fato da leitura estar sendo encarada como um problema na educação brasileira não se deve apenas ao pouco interesse dos alunos. É preciso levar em conta que muitos outros fatores, que estão ligados inclusive à atuação dos

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

professores e à didática por eles utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo no que se refere à banalização do livro didático, contribuem e muito para a formação desse cenário. Nesse sentido, torna-se bastante ilustrativo a fala de Leiva de Figueiredo Viana Leal quando esta, no texto intitulado “Leitura e Formação de Professores”, enfatiza que há certa deficiência na própria formação do professor-leitor. Ou, como as palavras dessa autora definem:

Não é desconhecido por ninguém que o formador de leitor, dadas as diferentes circunstâncias, dentre elas as históricas, sociais, econômicas e culturais, se encontra fragilizado em seu conhecimento sobre o próprio objeto de ensino. E mais: muitas vezes domina muito pouco, ele próprio, as competências de leitura que pretende ensinar. (LEAL, 2001:263)

Aliado à deficiência na formação do próprio mediador da leitura, ou seja, o professor, que na maior parte das escolas do país tem como único material de leitura o livro didático, surge a mídia e seu arsenal de opções disputando espaço com a escola que, na contramão da modernização, ainda insiste em metodologias, há muito, ultrapassadas.

Diante do quadro que se apresenta, e com o qual me deparo há dez anos como professora de Literatura Brasileira e Estágio Supervisionado, no curso de letras, surgiu-me um questionamento: será que a falta de interesse dos alunos do ensino fundamental pela leitura literária se deve apenas ao pouco contato que eles têm com esse tipo de texto, fora e dentro da escola, ou a forma como o professor “escolariza” a literatura é o fator preponderante? Para responder a esse questionamento desenvolvi uma pesquisa que tem por objetivo principal investigar como a leitura de textos literários é abordada no ensino fundamental, em turmas do 6º ao 9º ano. E é o resultado dessa pesquisa que apresento a seguir.

2 Definindo a trajetória

Minha pesquisa realizou-se em três escolas do Ensino Fundamental de um município da Grande Florianópolis em que se situa uma das unidades da universidade em que leciono e cujas escolas, na maioria dos semestres, servem de campo de estágio para os meus alunos.

Com o objetivo de saber como se dá o trabalho com a leitura literária nas salas de aula das séries selecionadas, elaborei dois questionários, estruturados com informações pessoais e com perguntas abertas e fechadas sobre as práticas em sala de aula, um direcionado aos alunos e outro aos professores e bibliotecários. Os questionários destinados a estes foram elaborados visando evidenciar os seguintes pontos: 1. nas aulas de Língua Portuguesa, quando o que está em pauta é a leitura literária, o objetivo do professor é ler os textos de ficção considerando as características literárias, ou essa leitura serve apenas como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais, por exemplo?; 2. quais as metodologias e as atividades desenvolvidas na escola para a abordagem da leitura literária; 3. qual é o conhecimento dos professores sobre a função da literatura; 4. que referências eles indicam para os alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental e quais os objetivos para o trabalho com o texto literário em sala de aula. O questionário destinado aos alunos, por sua vez, tem como objetivos saber se eles têm o hábito da leitura; se eles lêem literatura na escola; se as aulas de leitura são interessantes; que atividades de leituras propostas pelos professores eles mais gostam; qual a opinião deles sobre a biblioteca escolar e sobre o acervo disponível. Saber se os professores são leitores é mais um dado importante para a pesquisa, pois certamente são eles os profissionais mais indicados para sugerir aos alunos as melhores referências de leitura que esses podem ter, daí a importância dos professores para a formação de leitores.

É preciso registrar que selecionamos turmas do 6º ao 9º ano porque, ao que tudo indica, são nessas séries que os professores afirmam encontrar maior resistência à literatura.

O *Corpus* da pesquisa foi composto por entrevistas com 3 professores de Língua Portuguesa, sendo 1 deles graduado em letras e os outros 2 ainda em formação na mesma área, e 325 alunos com idades entre 11 e 15 anos. Infelizmente, em nenhuma das três escolas selecionadas havia bibliotecários, o que é bastante significativo para a pesquisa, pois isso indica que as bibliotecas funcionam precariamente e que a leitura nessas instituições se limita ao espaço da sala de aula. Todos responderam aos questionários durante as aulas de Língua Portuguesa.

Após a fase de coleta, os dados foram codificados e tabulados para posterior interpretação, através da técnica de análise de conteúdo.

3 Conhecendo o caminho

Os 325 alunos que participaram da pesquisa moram no município em que a pesquisa se realizou e residem próximos às escolas em que estudam. Com idades em 11 e 15 anos esses alunos são oriundos de famílias de classe média baixa, o que nos permite inferir que a grande maioria tem acesso à leitura apenas na escola, daí a importância dessa instituição na formação desses leitores. Os alunos responderam ao questionário durante as aulas de Língua Portuguesa e foram orientados a responderem de acordo com a realidade da sala de aula no decorrer do ano letivo. Ainda que os professores estivessem presente, deixei claro aos alunos que não haveria identificação dos respondentes e que o objetivo não era avaliar o professor ou a escola.

Nossa primeira pergunta feita aos alunos não se refere à leitura literária especificamente. Com uma pergunta direta e bastante objetiva, questionamos aos alunos se eles gostam de ler e o resultado nos dá um indício de que há uma contradição entre algumas respostas dos professores e dos alunos. Na opinião de todos os 3 professores, o maior problema enfrentado por eles para o trabalho com a leitura em sala de aula está na falta de interesse dos alunos. De acordo com os docentes, os alunos resistem à leitura, sobretudo a literária, e ficam preocupados com a cobrança que será feita após as atividades. Mas não foi isso o que identificamos, pois dos 325 respondentes, 253 afirmaram que gostam de ler, enquanto apenas 72 alunos confirmaram a resposta dos professores e disseram não gostar de ler. Ainda com relação a esse tema, perguntamos aos alunos se eles gostam das atividades de leitura literária feitas pelos professores. 255 deles assinalaram sim, contra apenas 70 não. Dessas atividades, pedi que eles apontassem as mais interessantes e dentre as preferidas estão a hora da leitura, citada por 129 alunos, enquanto os demais, 196, apresentaram uma diversidade de respostas como interpretação de textos, produção textual, leitura do professor. Destaco, ainda, o fato de alguns alunos não saberem responder, ou não lembrarem de qualquer atividade. Isso é bastante interessante se levarmos em consideração que os professores, sem exceção, afirmaram que planejam as atividades com a literatura literária e os objetivos que visam alcançar com a literatura é, justamente, despertar o gosto por esse gênero, já que os alunos demonstram pouco interesse por esse tipo de texto.

Ainda com o foco no aluno-leitor, perguntamos aos alunos que gênero de livro eles preferem ler, se eles sabem o que é literatura e ao lerem um texto literário o que eles acham mais interessante. Com relação aos gêneros, fica claro a preferência pelas

comédias, 135 alunos, e aventura, 85 alunos, aparecendo em terceiro e quarto lugares o romance, 53 respostas, e o suspense, 47. Para a segunda pergunta temos 255 alunos que afirmam não saber o que é literatura, e aqueles que tentaram dar uma resposta deixaram claro o quanto é preciso abordar esse conceito em sala de aula, ainda que não seja de forma direta. Em 70 questionários encontramos que literatura é aprender a ler, é leitura ou matéria que estuda a leitura. Alguns, ainda, consideram que literatura é livro e/ou histórias. As respostas à terceira questão nos mostram o quanto os alunos ainda leem literatura como leem qualquer outro tipo de texto, não sendo estimulados a apreciarem a obra literária como arte. O fato de apenas 10 alunos, dos 325, considerarem a linguagem como um dos aspectos mais interessantes da obra literária, e 73 não saberem responder a essa questão, já nos dá um indício de que a literatura lhes é apresentada como qualquer outro texto, não sendo explorada as peculiaridades dessa leitura.

Quando nossos questionamentos se voltaram para a literatura em sala de aula, evidenciamos que muitos dos problemas podem ser compreendidos se observarmos os equívocos ainda presentes em nossas escolas. Faço essa afirmação baseada nas respostas que encontrei na referida pesquisa. Quando questionados sobre a função da literatura, os professores participantes também mostraram pouco conhecimento sobre o assunto. Para a professora que é licenciada em Letras a função da literatura é “Proporcionar aos alunos uma melhora no vocabulário”. Para os dois docentes que ainda estão em formação literatura serve para “Ampliar os horizontes da imaginação dos alunos e fazê-los esquecer um pouco a vida que levam”, ou “Satisfazer a necessidade de conhecimento do homem”.

Mesmo com as respostas um tanto equivocadas, percebermos que os professores parecem preocupados com a pouca abordagem da literatura na escola e isso é evidenciado quando eles deixam claro que, além da resistência dos alunos, um outro fator que dificulta o trabalho com a literatura refere-se ao pouco material didático disponível para a realização dessa leitura. Como os alunos não têm acesso a livros fora da escola, os professores reconhecem que é ali que essa carência precisa ser suprida. Mas nas escolas citadas as bibliotecas são ineficientes, mal organizadas, com acervos reduzidos e desatualizados. Esse fato, porém, parece não ser percebido pelos alunos, pois quando questionados se acham a biblioteca da escola legal, 214 alunos afirmaram que sim, enquanto apenas 111 não. É preciso deixar claro, ainda, que dos 111 que deram a última resposta a maioria são alunos de uma escola que não tem biblioteca, mas apenas uma sala onde estão guardados alguns livros. Os alunos, aliás, justificaram suas

respostas afirmando que a biblioteca da escola é pequena, desorganizada, com poucos livros e, curiosamente, “ao invés de usarem a biblioteca pra ler, eles têm de arrumá-la”.

Para concluir nossa pesquisa, solicitamos aos alunos que citassem pelo menos 3 livros que leram nos últimos 3 anos, e as respostas reduziram-se aos clássicos da literatura nacional. Em 60 questionários encontrei referências aos títulos **Dom Casmurro**, **O Ateneu**, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, **Iracema**, **Triste Fim de Policarpo Quaresma** e **A Moreninha**. Além desses, há referências a livros atuais que ganharam fama na mídia, 78 indicações, como **O Crepúsculo**, **Lua Nova**, **Eclipse** e a série **Harry Potter**. Por fim, 82 alunos limitaram-se aos contos infantis e os gibis da **Turma da Mônica**. Para a mesma solicitação, os professores, para a minha surpresa, também se limitaram a indicar os clássicos da literatura nacional, ou aos títulos da “moda”. Um dos professores citou os autores Ana Maria Machado, Pedro Bandeira e Ziraldo, mas não soube citar nenhum título dos referidos autores. Deixo claro que não se pode condenar os professores por indicar os clássicos, pois, como afirma Ivanda Martins, sem dúvida, “é preciso que a escola incentive a leitura de obras clássicas, mas o ensino de literatura não pode ficar confinado apenas à tradição clássica”. (2006:90). Ademais, é preciso antes de tudo considerar a faixa etária dos educandos e o nível de amadurecimento deles para a compreensão de uma leitura de tal envergadura. Pois, como já opina Ítalo Calvino, os clássicos “constituem uma riqueza [maior] para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los”. (CALVINO, 1993:10). Essas afirmações se tornam ainda mais pertinentes quando consideramos o número de títulos e autores que são lançados todos os anos no nosso país, que a cada dia se torna mais reconhecido pela qualidade da sua literatura infantil e juvenil.

4 Parada para uma pausa

Os resultados que aqui apresentei não são suficientes para compreender toda a complexidade do percurso necessário para se formar um leitor, mas essa trajetória, ainda que curta, já nos dá alguns indícios de que os índices apresentados pelos alunos do ensino fundamental e médio nas avaliações institucionais, como o PISA, por exemplo, resultam de um conjunto de fatores que inclui a escola, o aluno e o mediador, ou seja, o professor.

A análise dos dados nos permite ver o quanto a própria escola contribui para tornar o ato de ler uma árdua tarefa a ser executada por alunos e professores. E essa contribuição se dá por uma falta de visão dos próprios educadores que não conseguem ver que para formar um aluno-leitor é preciso, antes de tudo, que o próprio professor seja um leitor e confira à leitura, principalmente à literária, a importância que ela tem para a formação de um cidadão crítico e consciente do seu papel na sociedade. É preciso, como nos diz Ivanda Martins, que a “escola amplie suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos”. (2006: 84 e 85). Ou, como nos diz Michel Certeau, é preciso que a escola não seja o que este denomina de uma “instituição controladora”, como o era a Igreja no século XVII que enclausurava os leitores, os textos e a própria leitura. Para Certeau, “Hoje, são os dispositivos sócio-políticos da escola [...] que isolam de seus leitores o texto controlado pelo mestre ou pelo produtor”. (1993:38).

No que se refere ao tema central do meu estudo, a saber, a formação do leitor literário, acredito que não se pode perder de vista que a literatura mantém um diálogo com diversas áreas do conhecimento e é esse seu caráter interdisciplinar que precisamos fazer chegar ao aluno, fazendo-o perceber que a literatura de um texto literário possibilita a articulação de diversos saberes.

Referências

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. 279 p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Tradução José Luiz Miranda. In: *Linha D'Água*. Ensino de Língua e Literatura em debate. USP: *Revista da APLL*. n.8, julho, 1993, p. 31-45.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Leitura e formação de professores. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.